



jornal Galera Vida Neps

Salvador, SETEMBRO 2023 [Edição 14] Tiragem: 350 exemplares

EDIÇÃO ESPECIAL – 3 ANOS DE PRODUÇÃO

Distribuição Gratuita

O que pode estar por trás do pacto do silêncio e do olhar da sociedade sobre a vítima de abuso sexual ?

A sociedade brasileira ainda tem como valor fundamental reconhecer o papel do homem como dominante nas relações sociais. A cultura machista é apreendida no seio da família onde desde a infância meninos e meninas são levados a acreditar em diferenças na forma de vestir, se comportar, falar, realizar as tarefas domésticas, a forma de brincar e os tipos de brinquedos para cada gênero.

Se olharmos em direção ao passado, pode-se observar que a dominação masculina, acontece desde os primeiros tempos da história, por conta do poder ligado a força física apresentada pelo homem, já que este foi durante muito tempo o provedor do alimento e proteção da tribo. A cultura machista foi se consolidando

mais fortemente por meio do discurso Religioso em diversos povos,

sobretudo, naqueles que desenvolveram o pensamento judaico-cristão, isto fica claro no trecho bíblico: “À mulher, ele declarou: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará”. (Gênesis 3:16), entendendo o desejo como o domínio do homem sobre a vontade da mulher e esta mulher por tê-lo levado ao pecado, é vista como transgressora, portanto, necessitando ser disciplinada e punida. Neste contexto, o homem foi sendo colocado como superior à mulher, subjugando-a e considerando-a como inferior em diversos aspectos, o que foi naturalizado

tornando para muitos um tabu questionar esta forma de visão dos papéis sociais de gênero. Porém, vimos a necessidade de falar e debater sobre o tema e, principalmente estimular um diálogo de respeito mútuo e compreensão da necessidade de dar voz e ouvir quem vivencia abusos e diversas formas de violência. Com isto não estamos dizendo que o homem não sofre situação de abuso sexual, entretanto, os dados não deixam dúvidas de que as mulheres são as principais vítimas de violência sexual, pois a cada 10 vítimas, em média 8 são mulheres. (Fonte: IPEA, N° 22, Março 2023)

No que diz respeito ao pacto de silêncio tem-se:

1. **Estigma e vergonha:** As vítimas podem sentir vergonha ou estigmatização por terem sido abusadas, o que leva ao silêncio. Elas podem temer serem culpabilizadas ou não acreditadas, especialmente se o agressor é uma figura de autoridade.

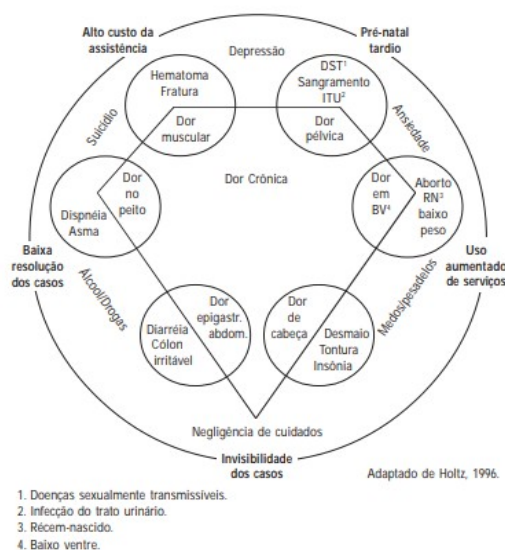
2. **Cultura de repressão sexual:** Em algumas sociedades, a sexualidade é um tabu e a discussão sobre abusos sexuais é vista como inapropriada. Isso cria um ambiente onde as vítimas sentem que não podem falar sobre suas experiências.

3. **Falta de informação e educação:** A falta de conscientização sobre abusos sexuais pode levar à minimização do problema e à falta de apoio adequado às vítimas. A falta de conhecimento sobre os sinais e consequências do abuso sexual pode resultar em uma sociedade que não está disposta ou capaz de lidar abertamente com essa questão.

4. **Poder e privilégio:** Em algumas situações, o abusador tem poder ou influência dentro da sociedade, o que torna mais difícil para as vítimas denunciá-los. Esses agressores muitas vezes têm recursos e relações que podem ajudar a manter o silêncio em torno de seus crimes.

5. **Descrença nas vítimas:** Infelizmente, há casos em que às vítimas não são acreditadas ou têm sua credibilidade questionada quando denunciam abusos. Isso pode ser devido a estereótipos de gênero, preconceitos culturais ou falta de confiança nas palavras das vítimas.

REPERCUSSÕES NA SAÚDE ASSOCIADAS À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES



Fonte da Figura:

<https://www.mulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/02/profissionais-saude-violencia.pdf>

Em todos os casos, faz-se importante ressaltar que, embora existam fatores que contribuem para o pacto de silêncio, cada situação é única e pode haver outras razões específicas em cada caso. **A superação do silêncio requer uma mudança no entendimento e na abordagem da sociedade em relação ao abuso sexual, com ênfase na educação, conscientização e apoio às vítimas.**

O pacto de silêncio pode estar apoiado sobre as estruturas de poder e opressão incutidas socialmente, que tendem não somente a ignorar a existência de casos de abuso, **como por vezes invertem os papéis, ao condenar a vítima e amenizar a situação do agressor.** Os motivos que levam a essa inversão dos valores são diversos, mas questões como Racismo, Machismo e LGBTQIA+FOBIA, por exemplo, tendem a ser a base do Pacto de Silêncio e culpabilização da vítima.

Refletindo com você: Abusadores ou Encantadores: o que está por trás de quem abusa?

Os abusadores são pessoas que agem de forma a satisfazer apenas os próprios interesses, mesmo prejudicando outra pessoa. Inicialmente, podem se utilizar de atrativos para conseguir a confiança de quem eles desejam se aproximar ou atrair. As formas de atração são situações de manipulação com intuito de criar vínculos afetivos ilusórios, através dos quais os abusadores atraem as suas vítimas. Tais situações criam uma atmosfera de dependência afetiva que podem deixar as vítimas sem ação, emudecidas, paralisadas, anestesiadas ou até mesmo se sentindo culpadas pelo abuso que sofreram.

No entanto, para que as situações de abuso diminuam ou parem de acontecer, é preciso que a sociedade identifique e reconheça os sinais que as vítimas podem apresentar, a exemplo de: introversão, isolamento social, medo constante, baixa autoestima, sensação de impotência, além de transtornos psíquicos que gerem mais ansiedade ou até mesmo desejos de não continuar mais com a própria vida.

Os abusadores podem ser pessoas diversas de nosso convívio, como familiares, amigos, ou mesmo desconhecidos com perfis diferentes.

De cada dez crianças que sofrem abuso sexual, 7(sete) são meninas; 70% está entre negros e pardos; 80% dos casos tem-se um agressor envolvido (pais, irmãos, primos, tios, sobrinhos). De cada 10(dez) estupros, 7 (sete) ocorrem no domicílio. (Boletim Epidemiológico, Ministério da Saúde, Volume 54, N.º 8, 18 Maio 2023).

As relações de poder, transitam num terreno preparado pelo abusador/encantador, que muitas vezes se coloca com um perfil de pessoa amável, prestativa, geralmente na posição de confiança jun-

to à família e ou na comunidade; que analisa minuciosamente o jeito de ser, necessidade e desejos da vítima, ou na utilização da força e agressividade para realizar o abuso.

Isto acontece não apenas em situações sexuais, como também em várias outras circunstâncias e ambientes de vida como: familiar, de trabalho, de grupos e outros.

(Fonte Ilustração: <https://www.justicadesaia.com.br/Relacoes-abusivas-afinal-de-que-se-trata/>)



O abuso pode gerar uma mudança de perspectiva profunda na mente e no corpo diminuindo a esperança de conseguir lidar com a dor. Como, por exemplo em análise de um artigo onde uma garota que mesmo depois de ter sido abusada pelo pai relatou que ainda o ama "eu amo meu pai" .(PENSO, M APARECIDA et al, 2009).

O que não significa que a pessoa deva ficar presa a esta experiência, pois é possível encontrar outros sentidos para existir.

Fonte: PENSO, Maria Aparecida et al . Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relações conjugais e familiares. Aletheia, Canoas , n. 30, p. 142-157, dez. 2009 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 set. 2023.

Saiba mais também: Lei Nº12845/2013

Destaque do Mês: Relações de afeto na família: quando se tornam "estranhas" ?

Talvez, seja necessário apresentar uma compreensão do que seja Família, onde a partir da sociologia, por exemplo, a família representaria uma união de pessoas unidas por laços afetivos ou de parentesco em que indivíduos adultos seriam responsáveis pelo cuidado dos demais, sobretudo, os menores de idade.

Na atualidade, observam-se diferentes tipos de família: nuclear, homoparental, sem filhos, monoparental, reconstituída, extensiva, adotiva, avós e assistência social. E, independente da sua constituição a família, em tese, seria um ambiente para atender às necessidades de ter(dispor dos aspectos materiais), de se relacionar(ajudar no processo de socialização) e de ser (ajudar a desenvolver o senso de auto-identidade e autonomia).

Na convivência familiar, o comportamento das crianças é regulado e seus impulsos devem ser bem conduzidos além de serem apreendidas as regras de convivência e existência.

Os padrões comportamentais dizem muito sobre a personalidade das pessoas, sobre os vínculos e sobre a forma que elas vivem e enxergam o mundo e os que estão ao seu redor. Os abusadores costumam usar da sua autoridade e da ligação afetiva para barganhar o que desejam.

Daí, vem os toques inadequados, as frases com duplo sentido, os passeios e presentes fora de hora, até contatos mais íntimos e invasivos travestidos de expressão de carinho. Todas estas circunstâncias dificultam o reconhecimento da



Fonte da Ilustração: <https://myloview.com.br/fotomural-familia-desunida-no-31707A2>

vítima em relação aos abusos pois o perfil do abusador tende a confundi-las. É difícil para uma pessoa que se encontra ligada e dependente emocionalmente de alguém, reconhecer o outro como agressor. Inclusive, os outros cuidadores adultos que tendem a pensar em situações imaginárias ou exageros por parte da vítima.

O perfil daquele que abusa, que agride, que ofende, que aprisiona, que oprime e manipula, confunde a vítima em relação aos seus sentimentos. Esta confusão de sentimentos pode levar a vítima a sentir-se culpada e induzida a perdoar o seu abusador, que sem a denúncia, segue seu padrão abusador.

O papel da família deve ser não apenas de cuidar e de manter mas de suprir todas as necessidades daqueles que é cuidado. Independente de quem seja o cuidador(pai, mãe, avós, tios e tias) . **Se as famílias cultivassem o hábito de alertar as crianças sobre situações de abusos diversas, sobretudo as sexuais, e comesçassem a praticar a educação sexual doméstica e não agir como se a sexualidade fosse um tabu e esperar apenas que a mídia , a escola e ações governamentais façam este papel, o número de violência tenderia a diminuir drasticamente.**

No caso de suspeitas de situações abusivas e de violência ligue para o disque 100.

Dicas da Galera Vida NEPS: Abuso sexual na infância - da história a atualidade

Assista e leia:

- QUE ABUSO É ESSE?

É uma série de vídeos educativos curtos, realizada pelo Canal Futura em 2014. Esta série é dividida em 8 episódios, que discutem desde o que é o abuso sexual e como diferenciar de exploração, pedofilia, assédio e estupro, até desfazer a ideia de “monstro”, pois a relação de ódio da criança com o abusador pode não existir e isto dificulta a identificação e a confissão para ambos, entre outras coisas. **Vale CONFERIR!**



Vídeos podem ser conferidos no Canal Futura e também no **Link abaixo**:

https://www.youtube.com/watch?v=fsUWq800rF4&list=PLNM2T4DNmq4ela0EhSWG3W1ZW_JGA9uX&index=1

- **VIDEONARRATIVA:** “HISTÓRIA DE MARIAS”

Mostra o caráter geracional da violência sexual e a importância de uma teia de apoio que seja capaz de encerrar esse ciclo.



- **ARTIGO:** Abuso sexual infantil: aspectos históricos, legais e os prejuízos para o desenvolvimento infantil. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 09, Vol. 01, pp. 183-208. Setembro de 2021. ISSN: 2448-0959,

Autoria de GONÇALVES, Natamy de Almeida. DIAS, Camila Santos

Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/aspectos-historicosque>

O Cuidar: Rede de Proteção e Assistência à Vítimas de Violência: A quantas anda?

Colaboradora: Dinsjani Pereira, Assistente Social
Coordenadora de Políticas Públicas para Infância, Adolescência e Juventude na Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude (SPMJ) de Salvador-Ba, @spmj.salvador

1) Como é constituída e estruturada a rede de atenção as vítimas de violência na cidade de Salvador e no Estado da Bahia?

Por Secretarias Municipal e Estadual relacionada a Política para Mulheres, Infância e Juventude, Secretaria de Segurança Pública, Secretaria de Saúde, Secretaria de Assistência e ou Promoção Social, Ministério Público, Defensoria Pública, Projeto Viver, Casa da Mulher Brasileira, Conselho Tutelar, Organizações Não Governamentais relacionadas à temática. Disque 100 (Disque Direitos Humanos) e outras parcerias que se organizam para assistir a vítima de violência. Esta rede unida facilita a compreensão do que constitui uma violência (Ver especialmente a Lei 13431/2017 - Lei da Escuta Protegida onde se define os tipos de violência: Psicológica, física, sexual e a institucional)

2) Como a vítima de violência deve acessar a rede de proteção?

Telefone/Wapp (71) 996443359 (Núcleo de agendamento especializado) ou pelo e-mail: nucleoescuta.spmj@salvador.ba.gov.br e outros **canais de denúncia**:

Disque 100

Conselho Tutelar/CMDCA de Salvador: (71)3202-7313

Defensoria Pública: 129 / 0800 0711422

Ministério Público: 127

Órgãos Policiais: 190

Central de Atendimento à Mulher: 180

Disque Denúncia: 181

Safernet: safernet.org.br

**Na sua Cidade busque o Conselho Tutelar ou CMDCA*

3) Como uma pessoa ao observar situação de violência com criança deve fazer para protegê-la de forma segura?

Primeiro, compreendendo a Política de Enfrentamento à Violência contra as crianças e adolescentes (que busca o combate, prevenção, assistência e garantia de direitos). Existem Cartilhas educativas que dispõem de sinais que facilitam detectar casos de violência.

Buscando também, acessar a Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente compostos por Escolas, Centros Esportivos, CRAS/CREAS, Centros religiosos, dentre outros, sobretudo, os Órgãos citados anteriormente, bem como seus canais de acesso.

Lembre-se que, a Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para a Violência exige um trabalho integrado, intersetorial e multidisciplinar e todos nós precisamos cooperar para seu fortalecimento.

COMO EU SOU NO NEPS

Desde que fui acolhida no NEPS, fui bem cuidada por todos os profissionais. Encontrei pessoas que me atenderam, ajudaram e acreditaram, **que sim, eu teria jeito!** Bem ao contrário do Lugar (Serviço) que fui atendida durante 8 anos. No “Lugar” que fiquei 8 anos, os profissionais me vendo numa situação bem crítica, olharam para mim e disseram:

- Você não tem mais jeito! Aí, me encaminharam pro NEPS. No NEPS depois de muitas tentativas frustradas de ir até perto e não ter coragem de buscar o serviço e entrar... no último dia, eu falei a mim mesma:

- Hoje é o último dia que vou buscar ajuda nesse lugar, porque até mesmo eu já sabia que eu não tinha mais jeito (foi o que me disseram antes).

Então, fui buscar, e daquele dia até aqui, sou grata a todos, pois, olha, quanto tempo já se passou e eu estou aqui por ter encontrado pessoas competentes que acreditaram em mim e me ajudaram a estar **VIVA!** **Pseudônimo: PLENA**

